

## AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM: COGNIÇÃO E SUBJETIVAÇÃO

Idelma Divina da Silva<sup>1</sup>

Cynara Alves de Campos<sup>2</sup>

### RESUMO

A área de aquisição de linguagem ganha fundamentação teórica por meio de abordagens mistas, de um lado as cognitivas e de outro as subjetivistas, entretanto, todas tomam a língua como fato de linguagem. Nesse estudo, propõe-se discutir a aquisição da linguagem e os processos de subjetivação, nos quais a noção de sujeito está entrelaçada à língua. Para tanto, se reporta aos trabalhos de Lemos (1981-2006) que é interacionista dialógica, Benveniste (1988,1989) para o qual a língua e a linguagem derivam da subjetivação e enunciação, respectivamente; e aos trabalhos de Chomsky (1980,1998), enquanto proposta cognitivista e racionalista. Utilizou-se como metodologia estudo bibliográfico e análise comentada de fragmentos de falas, demonstrados pelos autores. Parte-se da hipótese de que a filiação a uma abordagem em detrimento de outra modifica a imagem do objeto refletido e exige um lugar de escuta/reflexão particular. Os resultados apontaram para a necessidade de se incluir o sujeito nos estudos de aquisição de linguagem, não apenas para se compreender a cognição implicada às questões aquisicionais, mas também para se depreender a constituição da subjetividade relacionada à língua.

**Palavras-chave:** Teorias de Aquisição. Linguagem. Cognição. Subjetivação.

### INTRODUÇÃO

A área de aquisição da linguagem possui ampla referência teórica, pois se compromete a lidar com aspectos múltiplos do modo como o humano adquire linguagem. É preciso, assim, desde o início, delimitar de que aquisição se pretende tratar nesse estudo, procura-se evidenciar a aquisição da língua materna pelas crianças sob o viés de abordagens cognitivistas e interacionistas, refletindo divergências e convergências entre elas.

---

<sup>1</sup> Fonoaudióloga. Licenciada em Letras Português/ Inglês pela Universidade Estadual de Goiás. Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) - Campus Cora Coralina-UEG. idelmadinadasilva@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Goiás, Licenciado em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual de Goiás e mestranda do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás - *Campus Cora Coralina* – Goiás – GO, Brasil. cynara\_alves@yahoo.com.br

Ao delimitar a língua na sua forma constitutiva, a ideia de aquisição e desenvolvimento toma frente nas reflexões. Mais uma vez se torna necessário contornar o tema, visto que não se pretende abordar a linguagem do ponto de vista psicológico, mas sim linguístico. As noções de linguagem advindas das teorias socioconstrutivistas de Piaget (1928) intencionam chegar ao entendimento de como a criança adquire conceitos complexos e abstratos e conseguem tomar consciência dos fatos da língua num sentido social e cultural. Empreende, assim, o percurso de *infans* a ser falante e social. Tais estudos sociointeracionistas, amplamente mencionados em teorias de aquisição de linguagem que compreendem a linguagem a partir do desenvolvimento do organismo ou das operações cognitivas, pois acreditam, assim como Piaget e Vygotsky que a criança conquista os conceitos a partir do desenvolvimento mental e cognitivo, quando as interações e o meio sociocultural as instigam.

De igual modo, Chomsky (1980) aborda a aquisição ao relacionar aquisição à capacidade cognitiva e criatividade. Para este autor, a criança organicamente apta para adquirir linguagem elabora formas diversificadas de aprender a língua. Inicialmente, por meio de construções sintáticas simples e desorganizadas, para se chegar ao funcionamento da estrutura convencional.

Em outra perspectiva, Lemos (1981) trata a aquisição da linguagem como momento propício às interações, principalmente mães e pais, que acompanham o deslocamento da criança (sujeito) nas três posições subjetivas, a saber as posições que permitem a ela (criança) manter uma relação com o outro (com o qual possui uma alienação discursiva), com a língua (permeando uma complexidade linguística) e consigo própria (quando poderá experimentar um lugar de fala).

Esse estudo favorece o entendimento de que o período cronológico de aquisição de linguagem é diferenciado para cada criança, portanto, passível de um olhar específico que privilegie não somente o desenvolvimento do organismo, mas que também se atenha às mudanças de posição da criança em relação ao objeto língua. A criança em suas primeiras interações tem, em tese, a oportunidade de lidar com parceiros dialógicos ideais, como diz Lemos (1981), fundamentais para a instauração e movimentação do diálogo entre pares.

A fase de aquisição depende, em primeira instância, do outro com o qual a criança se espelha; o segundo momento é o do encontro com a língua, no qual a criança exercita

as regras e, posteriormente no terceiro momento adquire um lugar de fala, sendo capaz de posicionar frente ao outro e si própria.

A partir das perspectivas de Piaget, Vygotsky, Chomsky e Lemos faz-se necessário trazer ao contexto desse estudo, discussões comentadas sob as divergentes perspectivas de aquisição da linguagem, na tentativa de compreensão de que há uma complementaridade entre tais abordagens (cognitivistas e interacionistas).

Segundo Morato, no âmbito da linguística, o movimento do Interacionismo marca “uma reação das posições teóricas externalistas contra o psicologismo que impregnava a ciência nos meados do século XX” (MORATO, 2009, p. 311). Isso em resposta aos evidentes acordos teóricos entre as ciências cognitivas da linguagem e a psicologia, enquanto áreas que estudam a mente e a cognição em detrimento ao funcionamento linguístico.

De lá para cá, o cenário não se alterou expressivamente, pois as mesmas teorias continuam reverberando e produzindo reflexões pontuais sobre a temática da aquisição, mais ainda, pode-se perceber um aumento no interesse entre aquisição e cognição, instaurado tanto por teorias linguísticas ligadas à psicologia como por estudos em neurociências, ou seja, ligados ao discurso médico. No entanto, este não é o foco do estudo, foi apenas mencionado para contextualizar o cenário dos estudos em aquisição da linguagem na atualidade acadêmica, em que ir contra as evidências é se colocar na contramão do desenvolvimento tecnológico, o que não é a nossa intenção nesse estudo.

Por esse motivo, delimitamos os estudos sob o ponto de vista linguístico, no qual os trabalhos de Benveniste (1988,1989) auxiliam as discussões, visto que este autor sinaliza para a emergência do discurso (que estaria fora da língua), para além da sintaxe frasal, se atendo para o fato de que o aprendizado da língua (que para ele é linguagem) acontece a partir de um movimento em que o sujeito deve tomar para si o aparelho enunciativo, num processo de subjetivação na língua. Portanto, no processo de aquisição de linguagem, a criança ao vivenciar a fase de *infans* à falante precisa responder pelas condições de seu organismo, de sua interação com o outro e com a língua e, mais que isso, precisa ocupar um espaço de enunciação. Não como um ego pleno, mas dividido pela língua que a funda desde o princípio.

Nesta perspectiva, esse estudo reflete o movimento do sujeito nos estudos sobre aquisição de linguagem que passa da visão de um ser em desenvolvimento (cognitivo) para um em subjetivação (consciente). Utiliza como metodologia a análise de fragmentos

de falas e diálogo entre a criança e seus pares, retirados dos textos dos autores pesquisados, com vistas a sustentar os argumentos advindos da teorização dos estudiosos em pauta.

## METODOLOGIA

Este estudo se enquadra em uma abordagem qualitativa, de análise bibliográfica, porém procurou destacar, além dos argumentos teóricos, as descrições de falas e diálogos, fragmentos de discurso, presentes nos textos escolhidos para fim de comparação dos argumentos entre os autores, tanto os que privilegiam a cognição como os que concebem interação e subjetivação. Os fragmentos de fala foram escolhidos por conter informações sobre a relação fato x argumento. Ao todo foram comentados 04 fragmentos (2 de Chomsky, 2 de Lemos), extraídos das respectivas bibliografias descritas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Entender que as crianças passam por um período em que são *infans* (não possuem linguagem) para outro em que são falantes é admitir que acontece coisas durante o intervalo entre um estado e outro. Ou seja, a criança e seus pares interagem com a língua e esta é apreendida pela criança. Esta é a aposta do Interacionismo. No entanto, descrever como a interação incide sobre a língua e vice-versa é o motivo dos estudos na área de aquisição de linguagem.

Segundo Lemos (1986) no artigo **A sintaxe no espelho**, há um “estranhamento” na palavra aquisição que leva ao entendimento de que para adquirir algo é necessário não o ter primeiro. Assim, parte-se do pressuposto de que a criança não tem a língua com ela, ou seja, a língua é um objeto que lhe é externo e independe dela, ela tem de adquirir, pegando-a de fora para dentro. Nessa concepção, a criança, seria um sujeito já constituído, e apto a localizar e processar esta língua.

Dito isso, algumas questões teóricas interpõe o estudo: primeiro, a teoria de aquisição de Chomsky é interrogada em sua essência, pois, para este autor a criança nasce com um dispositivo interno de linguagem, que por sua vez é inato à espécie e não exige muitos esforços da criança para que seja amadurecido. A faculdade da linguagem, para

este autor, possui dependência estrutural das regras gramaticais; “[...] a natureza geral de tais regras e convenções só pode, em última instância, ser entendida como referência ao conceito de comunicação-intenção” (CHOMSKY, 1980, p. 65). Para ele, a função de comunicar é primordialmente a mais relevante, e a criança para realizar um ato comunicativo, precisa de uma intenção-comunicativa.

Sobremais, o processo de aquisição de linguagem, para Chomsky, além de estar relacionado à capacidade inata tem influência dos fatores cognitivos que operam conjuntamente no organismo humano. A criança precisa, então, estar munida de um aparato biológico que seja favorável ao amadurecimento das capacidades linguísticas. Este autor argumenta que:

No interior da capacidade cognitiva, a teoria da mente tem um caráter nitidamente racionalista. Aprender é, antes de tudo, uma questão de preencher detalhadamente uma estrutura inata. [...] fora dos limites da capacidade cognitiva, é necessário[...] aplicar uma teoria empirista da aprendizagem. (CHOMSKY, 1980, p. 35)

Adquirir linguagem é então, nesta visão, um processo de aprendizagem. Para este autor a língua é passível de ensino, haja vista que o adulto em interação com a criança realiza uma atividade de ensinagem na qual a criança é alguém que já tem as bases estruturais da língua e da linguagem e estaria em condições biológicas para aprendê-la. A criança não nasce com a língua já pronta em sua mente, mas teria sim, um dispositivo que favorece o armazenamento e processamento da língua. Por meio de persistentes potenciais criativos a linguagem vai se organizando no interior da estrutura da língua.

Curiosamente, nos alerta Lemos (2000), na área de aquisição de linguagem a expressão aquisição de linguagem se relaciona ao conceito de desenvolvimento e se refere à sequência de mudanças no comportamento linguístico da própria criança. Tais mudanças referem-se às aquisições das categorias gramaticais.

Sobre as aquisições das categorias linguísticas, em várias teorias e o próprio Chomsky (1980) assume ser mais fácil para a criança iniciar pela categoria semântica, pois esta favorece o aprendizado da sintaxe, fazendo-a funcionar na estrutura da língua. Este autor, entende, assim, que o componente semântico é mais gerativo, por excelência.

O que favorece a interrogação de que a criança possui um conhecimento prévio sobre o mundo, que inclui a percepção categorial dele, dos objetos e eventos que são, portanto, como diz Lemos (2000), estendidos aos sons da língua. Nessa perspectiva, como

dissociar a aprendizagem semântica da fonológica, visto que se fala com a criança de forma integrada, usando a língua em toda a sua performatividade?

Instaura-se, assim, um questionamento sobre a aprendizagem da língua, sobre a aquisição de algo que (externo) se apresenta de forma completa e integrada. A criança, neste caso, segmenta a língua em categorias para realizar o aprendizado, seria isso o que explica os balbucios, os monólogos, ainda no berço.

Lemos (1986) e Benveniste (1988) ponderam que não dá para separar a apreensão da língua em detrimento da linguagem. Não é possível se pensar em organismo apto para a língua e não para a linguagem, já que a primeira se realiza imbrincada à segunda. De igual modo, não é possível se pensar em aquisição de linguagem sem discutir o estatuto de sujeito que desse processo se instaura.

Entende-se que a compreensão de como a sintaxe se organiza em uma textualidade é o que se ocupa grande parte dos estudiosos da linguística. E, a elucidação dessa questão adquire força quando se analisa a linguagem da criança. Desse modo, a sintaxe representa o fim do intento linguístico-comunicativo? Claro que não. Muitos autores procuram compreender os efeitos do discurso (o que está fora da língua) na construção sintática. Lemos (1986), entretanto, se apoia à noção de uma sintaxe do diálogo, que é para ela uma forma de texto (discurso), já o diálogo é uma forma de interação em que se tem a linguagem como processo de aquisição e subjetivação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro fragmento a ser comentado foi retirado do texto **Sobre a capacidade cognitiva em Reflexões sobre a linguagem** de Chomsky. Trata-se de conferência realizada por Whidden, e endossada por Chomsky. Em consonância ao discutido anteriormente, estes autores relacionam cognição às condições de operar uma gramática. Para Chomsky “a gramática é posta em uso, interagindo com outros mecanismos da mente, na produção e compreensão da fala” (Chomsky, 1980, p. 29-30)

Na perspectiva desses autores, suponhamos que a criança aprendeu a formar perguntas como em (A), correspondentes a sentenças declarativas associadas

- (A) O homem é grande – é o homem grande?  
O livro está sobre a mesa – está o livro sobre a mesa? Etc.

**Hipótese de Chomsky:** a criança processa a sentença declarativa a partir da primeira palavra (da esquerda para direita) continuando até chegar à primeira ocorrência da palavra *é* (que pode ser substituída por *está*, *será*) antepõe então esta ocorrência de *é*, produzindo a pergunta correspondente (com algumas modificações concomitantes de forma que não nos interessam). Para ele esta hipótese é simples e falsa, pois a criança aplica neste exemplo (A) uma regra independente da estrutura, ao analisar apenas a palavra e a propriedade primeira ocorrência (mais à esquerda).

**Comentário:** O que leva a entender que na linguagem da criança há construções simples e complexas, não sendo, portanto, um erro, nem a construção nem a hipótese do investigador, mas apenas retrata a complexidade da língua que a criança está por adquirir.

No exemplo (B) observa-se a formação de sentenças mais complexas, por parte da criança

- (B) O homem que é grande está no quarto – Está o homem que é grande no quarto?  
O homem que é grande está no quarto – Está o homem que grande é no quarto?

**Hipótese de Chomsky:** a criança analisa a sentença declarativa em frases abstratas; a seguir, localiza a primeira ocorrência de *é* (etc) depois do primeiro sintagma nominal; então, antepõe esta ocorrência de *é*, formando a pergunta correspondente. Segundo este autor, a criança no exemplo (B) estaria aplicando uma *regra dependente da estrutura*. Ou seja, uma regra que envolve a análise em termos de palavras e sintagmas e a propriedade primeira ocorrência definida em termos de sequência de palavras e analisadas em sintagmas abstratos. A hipótese dos motivos que levam as crianças a formularem sentenças como B (mais dependentes da estrutura) recaem sobre o argumento de que a Gramática Universal (GU) contém o princípio de que tais regras devem ser dependentes da estrutura.

**Comentário:** Observa-se que a preocupação do autor está focada em relacionar a aquisição da linguagem pela criança como modelo advindo da GU, ou o inverso. A dependência da estrutura constituída posiciona a fala da criança a módulos de produção de sentenças, que podem ter relativa variação, dependendo da criatividade. A tendência é se aproximar ao convencional. Estes exemplos oferecem possibilidade de se refletir também a importância dos verbos na organização de novas sentenças.

O segundo fragmento foi extraído do artigo **Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação**, Lemos (2000, p. 61, 62), no qual a autora procura demonstrar as posições subjetivas da criança.

Exemplo (A) Ruído de alguém abrindo a porta de entrada do apartamento

- C: ó, ó Sonia vivindo  
M: A Sonia vem vindo  
C: pá leite?  
M: è, foi comprar leite.  
C: á pão?  
M: Comprar pão  
C: bou açuca?

(Mariana, 1:8.6)

**Hipótese:** este fragmento ilumina a função do texto ausente evocado para significar estados de coisas no mundo: ruído da chave girando na fechadura desencadeia fragmentos (até mesmo fragmentos de vocábulos, como pá/a) sucessivos de um texto da mãe, evocado não para representar conceitos ou objetos, mas para significá-los na/pela linguagem.

**Comentário:** O polo dominante neste caso é a fala do adulto que é por ela (criança) interrogada, enquanto uma estrutura que a organiza, a fala da criança precisa ser completada pela fala do adulto num espelhamento invertido. A criança usa interjeições, substantivos e verbos para compor o seu texto principalmente em forma interrogativa, aparecendo no discurso como um parceiro atento às situações contextuais (porta se abrindo e Sonia chegando) e pragmáticas.

Exemplo (B) Criança, ao contar uma história, tenta colocar em discurso direto a fala do personagem João

C: Eu e a Aninha quando crescerem que nem (pausa longa)

João falou assim: Eu e a Aninha quando crescê, crescerem...crescerem...

querem sê almirante de navio

(Raquel 4;2.3)

**Hipótese:** o reconhecimento do erro não advém como efeito da fala em que o adulto exprime seu estranhamento, mas da escuta de sua própria fala pela criança. O hiato entre essa fala que insiste no erro e a escuta que reconhece esse erro permite que se defina a terceira posição como dominância do polo do sujeito (a da própria criança).

**Comentário:** Se a criança experimenta as possibilidades de construção do texto na língua é porque já possui condições de perceber a complexidade da língua. Os erros que comparecem são resistências aos eixos sintagmáticos e paradigmáticos de que tanto falou Saussure.

Após a apresentação dos fragmentos de textos analisados pelos respectivos autores, percebe-se que o olhar de cada um sobre o fenômeno **aquisição de linguagem** pauta-se em argumentos que subjazem a um conceito de sujeito. Pois, a relação sujeito-linguagem é posta em questão no sentido de que há um ser em conflito, em tensão com a língua e com o outro que a porta, no diálogo. Compreender que os estudos da linguagem são afetados pela presença dos sujeitos na língua exige um olhar que não dissocie (abraia) língua de fala, individual de social (já que o discurso é social). Não se trata apenas de uma condição interna do sujeito (cognição) mas de uma relação com a língua, com o outro e consigo próprio, como sugere Lemos (1986).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A explicação dos processos aquisicionais da linguagem pela criança, sofre a influência de abordagens cognitivista e interacionistas, que privilegiam na primeira a cognição e a na segunda a interação como fator determinante para a evolução das aquisições.

De igual modo, estas teorias favorecem um olhar privilegiado sobre esta fase de vivência da criança. A criança em aquisição necessita lançar mão de suas condições orgânicas (cognitivas) e sociais (estrutura familiar e de cuidados).

Nessa perspectiva, há abordagens que compreendem o processo de aquisição da linguagem como uma forma de desenvolvimento por meio da aprendizagem da linguagem e outra em que o foco é a subjetivação do sujeito, entendido como aquele que luta por capturar a língua por meio da interação com o outro, lida incessantemente com a

complexidade dessa língua, e se tudo correr bem, consegue um lugar de fala, uma subjetividade inscrita na linguagem.

Nesse sentido, entende-se que as abordagens oferecem uma tendência ao abordar a linguagem ou como focada na cognição ou na subjetivação. A relação entre cognição e subjetivação não é excludente, visto que a primeira preza o raciocínio lógico e a segunda a inscrição constitutiva. Nesse sentido, para a compreensão do processo aquisitivo da linguagem, tanto os estudos cognitivistas quanto os interacionistas devem ser olhados em conjunto, numa relação de complementaridade, não é só a face interna ou somente a externa que devem ser consideradas quando se trata de aquisição de linguagem.

Desse modo, entende-se que tais abordagens devem ser entendidas como formas de se olhar a aquisição da linguagem, que congregam em si uma concepção de sujeito inserido no processo.

## REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1980.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

LE MOS, Claudia Teresa Guimarães. **Interacionismo e aquisição de linguagem**. DELTA, Vol. 2, nº 2, 1986 a.

LE MOS, Claudia Teresa Guimarães. **A sintaxe no espelho**. Caderno de Estudos Linguísticos. Nº 10, 1986 b.

LE MOS, Claudia Teresa Guimarães. **Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação**. Unicamp: Escola Lacaniana de Psicanálise de Campinas. In: *Interações*, Vol. 5, Nº 10, p. 53-72. 2000.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Pontes, 1988.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.